



## DOS FINS AOS MEIOS: A COMPLEXA PRÁTICA DAS ESCOLAS

## FROM FINE TO MEDIA: A PRACTICAL COMPLEX OF SCHOOLS

## DE LOS FINES A LOS MEDIOS: UNA COMPLEJA PRÁCTICA DE LAS ESCUELAS

Maria do Rosario Silveira Porto <sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem o objetivo de mostrar a importância da discussão sobre os valores e fins da educação que orientam tanto o conteúdo dos currículos escolares, quanto as práticas pedagógicas que se desenvolvem nas escolas. Baseando-se em autores que apoiam essa discussão, foram colocadas duas questões iniciais: quais fins pretendemos alcançar por meio da ação da escola; e se essa discussão está presente na escola. Para desenvolver o tema, buscou-se primeiramente o sentido de educação e como a escola se coloca nesse contexto, ressaltando que o processo educativo atual torna-se cada vez mais complexo, exigindo um currículo que fuja do meramente reprodutivo e um conjunto de práticas pedagógicas igualmente complexas. Enfim, o texto ressalta a importância de respondermos a três questões fundamentais: o que valorizamos para o processo educativo; por que desejamos formar, tendo em vista os fins propostos; e como, que práticas pedagógicas vamos recuperar ou desenvolver para atingir esses fins.

**Palavras-chave:** valores, fins, educação, escola, práticas pedagógicas, complexidade.

187

**Abstract:** This article aims to show the importance of the discussion about the values and purposes of education that guide both the content of school curricula and the pedagogical practices that are developed in schools. Based on authors who support this discussion, two initial questions were posed: what goals do we intend to achieve through the action of the school; and whether this discussion is present in school. To develop the theme, we first sought the sense of education and how the school places itself in this context, emphasizing that the current educational process becomes increasingly complex, requiring a curriculum that fades from the merely reproducible and a set of pedagogical practices equally complex. Finally, the text emphasizes the importance of answering three fundamental questions: what we value for the educational process; why we wish to form, in view of the proposed ends; and how, what pedagogical practices we will recover or develop to achieve those ends.

**Keywords:** values, ends, education, school, pedagogical practices, complexity.

**Resumen:** Este artículo tiene el objetivo de mostrar la importancia de la discusión sobre los valores y fines de la educación que orientan tanto el contenido de los currículos escolares, como las prácticas pedagógicas que se desarrollan en las escuelas. Basándose en autores que apoyan esta discusión, se plantearon dos cuestiones iniciales: qué fines pretendemos alcanzar por medio de la acción de la escuela; y si esta discusión está presente en la escuela. Para desarrollar el tema, se buscó primeramente el sentido de educación y cómo la escuela se coloca en ese contexto, resaltando que el proceso educativo actual se vuelve cada vez más complejo, exigiendo un currículo que huya del meramente reprodutivo y un conjunto de prácticas pedagógicas también complejas. En fin, el texto resalta la importancia de responder a tres cuestiones fundamentales: lo que valoramos para el proceso educativo; por qué deseamos formar, teniendo en cuenta los fines propuestos; y cómo, qué prácticas pedagógicas vamos a recuperar o desarrollar para alcanzar esos fines.

**Palabras-clave:** valores, fines, educación, escuela, prácticas pedagógicas, complejidad.

Envio 09/02/2018

Revisão 09/03/2018

Aceite 09/04/2018

<sup>1</sup> Professora Doutora aposentada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

## Introdução

Atualmente, os discursos que se ouvem e se proferem sobre a escola, veiculados pela mídia, pelas pessoas e pela própria escola, não são nada animadores. Violência, depredação, professores mal formados e mal pagos, alunos desmotivados e indisciplinados, falta de recursos, falta de políticas educacionais adequadas. Tudo isso gera um desconforto, um desânimo mesmo, enfim, um desencantamento em relação a uma instituição que prezamos tanto. Mas, será que a escola está mesmo falida ou à beira da falência, como tanto se propaga?

Paradoxalmente, nunca se fez tanto esforço para recuperá-la – ou resgatá-la, utilizando um termo da moda que sugere mais o ato de salvar. Prefiro dizer reencantá-la, animá-la, no sentido de reencontrar sua alma, aquele algo mais que lhe dá vida.

Enfim, nesse esforço de recuperar sua importância, teóricos da educação e dos vários setores de atividades brasileiros, e políticos, claro, em suas campanhas na época das eleições, trazem novas/velhas sugestões para desenvolver políticas educacionais apropriadas, principalmente relacionadas à formação e atuação do magistério, e à responsabilidade do poder público em suas várias instâncias.

Nesse contexto de discussão peço licença para apresentar, também, algumas reflexões sobre o tema. Começo colocando algumas questões: será que essa situação não se liga, inicialmente, à ausente ou pouco frequente reflexão sobre quais fins pretendemos alcançar por meio da ação da escola?

Toda atividade finalística exige valores que a orientem. Ou seja, valores, das pessoas, das famílias, dos grupos sociais, que determinem os fins a serem alcançados – ou ao menos perseguidos – na tarefa educativa. Assim, o processo educativo também é sempre e necessariamente orientado por valores. A questão que se coloca é, pois, que valores são esses e como são traduzidos na prática pedagógica cotidiana, lembrando sempre que valores “valem”, não são eternos ou imutáveis. Recordando o eminente educador Paulo Freire, pretendemos uma educação bancária, reprodutora ou criadora e libertadora?

A questão dos valores se prende a duas vertentes presentes nas discussões e nas práticas relativas à educação na cultura ocidental: serão eles históricos ou universais? Trocando em miúdos, quais dos dois pressupostos prevalece: a de que o ser humano é um produto de seu



espaço-tempo, como querem algumas teorias progressistas, ou de que há uma identidade na natureza humana para além das circunstâncias históricas e sociais?

De minha parte, e escudada no avanço das discussões sobre o tema relativo aos processos de “fazer-se indivíduo humano”, especialmente nas áreas da antropologia, da sociologia, da filosofia e da psicologia profunda, acredito não haver necessidade de dicotomizações, antagonismos. Somos ao mesmo tempo produto de nosso meio e de nossa história, e também intrinsecamente humanos, agora e sempre. Priorizar apenas os fins históricos resultaria crer que, a partir dos resultados de sua ação na sociedade, os indivíduos estariam realmente num processo evolutivo permanente. E, ao fim e ao cabo, correr o risco de torná-los joguetes das ideologias dominantes, cada qual com sua concepção de sociedade ideal. Sublinhar o universal da identidade da natureza humana poderia levar a uma estagnação de conteúdos, métodos e práticas educacionais em busca de uma educação ideal.

Aí vem uma segunda pergunta: essa discussão está presente na escola? Em um país que parece se eternizar na procura de sua identidade – política, econômica, social e, sobretudo, cultural – questiona-se que fins a escola, como uma instituição formal, está perseguindo; e se está, que meios têm sido desenvolvidos para o atingimento desses fins? Porque acredito que, sendo uma reflexão eminentemente filosófica, deve se desenvolver no início e durante todo o processo escolar, para que nunca o percamos de vista diante da profusão de discursos, projetos, leis, decretos etc. que invadem a escola, proveniente dos sucessivos governos em todas as instâncias e nem sempre coerente entre si.

Permitam-me abrir parênteses: sabemos que a educação é uma prática simbólica que transforma indivíduos em seres humanos. Conforme Georges Gusdorf (1978), autor do livro “Professores para quê?”, a educação permite atualizar no educando o encontro com o melhor de si. Mais do que somente adaptá-lo ao mundo exterior, é o meio de realizar suas potencialidades. Conforme esclarece Roque Spencer Maciel de Barros (1988), formá-lo para si mesmo, para desfrutar seu próprio ser. Em outras palavras, reconhecer a pessoa como um fim em si mesmo, que, em hipótese alguma, deve ser instrumentalizada, utilizada para quaisquer objetivos – sociais, políticos, religiosos, econômicos etc. – que violentassem o educando na sua personalidade. Poderíamos dizer que estes são, realmente, os fins éticos do processo educativo. Referente à escola, acredito que, seja qual for seu papel, os fins dos processos de ensino também

têm que ser sempre o próprio aluno, caso contrário estamos transformando-o em meio para “fins” outros, quaisquer que sejam.

Voltando ao tema da educação, ela se desenvolve durante toda a vida da pessoa, embora seja mais atuante nos primeiros anos de vida, e tem a ver justamente com os valores que perpassam a sociedade. Também é senso comum que a escola é uma das principais agências de educação das sociedades modernas atuando de forma sistemática pelo menos nas duas primeiras décadas da vida da pessoa, quando, de acordo com o pensador Edgar Morin (2002), está sendo impressa uma marca firmemente fixada na mente de uma pessoa, que lhe impõe um conformismo cognitivo (imprint cultural). Nesse sentido, a escola está indissolúvelmente ligada ao papel que lhe é destinado: realizar, junto às novas gerações o que a sociedade pretende que seja a formação ideal.

Entretanto, a educação é um processo muito mais amplo e anterior à existência da escola: ultrapassa a ação de instruir e ensinar, para se tornar num conjunto de práticas, pelas quais se expressam os modos de pensar, sentir e agir de pessoas, grupos e sociedades. Ou seja, permite a cada grupo social e, em decorrência, à sociedade estabelecer e modificar normas e modelos de comportamento; desenvolver e expressar crenças, ideias e valores; construir o saber comum e modelos de trabalho; definir as relações entre os membros etc. Enfim, sua principal função é propiciar formas adequadas e sempre dinâmicas de organização grupal e social.

Se a educação é essa prática ora formadora, ora transformadora, ora conservadora, a escola também receberá essa incumbência, dependendo do que a família, o grupo social, a instituição religiosa, o campo de trabalho, enfim a sociedade valoriza no processo educativo, o que deseja para seus jovens educandos, que fins pretende.

Voltando à escola, poderíamos perguntar se essa prolapada crise, citada no início deste texto, poderia estar associada a uma crise de identidade. Teria a escola e os grupos que nela coexistem perdido a sua identidade? Quero crer que não. Talvez esteja se constituindo na sociedade e, portanto, no interior da escola uma outra cultura, uma busca pela equilibração de novos fins, pelo reconhecimento que há valores em mutação, o que requer novas vinculações e, portanto, outros conhecimentos e interesses. E, em consequência, exigindo outras práticas pedagógicas.



A literatura sobre educação escolar é pródiga em mostrar que, nas sociedades industriais (ou que pretendem ser), o objetivo da escola tem sido o de formar indivíduos para o mercado de trabalho (relembro a questão de fins e meios), com o conseqüente enfraquecimento dos valores tradicionais, principalmente os de família. Por exemplo, as relações pais-filhos nos processos de aprendizagem. Além disso, cada vez mais a escola pretende assumir a função educadora dos outros setores da sociedade: família, igreja, grupos de lazer, de esporte etc. Mas, como, por que meios? Porque sabemos que os processos educativos desenvolvidos por esses setores muitas vezes beiram à informalidade, mesmo quando seguem regras, explícitas ou implícitas.

Os meios para assumir essa sobrecarga de responsabilidade estão claros, vão desde a imposição de uma organização burocrática que pretende distribuir racionalmente cargos e funções, e de leis e normas que definem competências e hierarquizam o poder, passando pela tentativa de controlar e apaziguar os conflitos e terminando pela desconsideração da rica polifonia social, das culturas grupais diferenciadas e dos saberes apriorísticos que os alunos trazem de seu cotidiano.

Entretanto, toda moeda tem dois lados e essas mesmas sociedades industriais, altamente mediatizadas, vêm provocando uma explosão e uma multiplicação de concepções de mundo e de culturas “outras”, que vou chamar de complexas, seguindo a concepção de complexidade de Edgar Morin (2001). Para esse autor, a complexidade não se reduz à complicação, mas o pensamento complexo encaminha para a comunicação e elaboração transdisciplinar de saberes e práticas que tradicionalmente são isolados em seu próprio campo de conhecimento, provocando brechas na normatização, o surgimento de desvios, a evolução de conhecimentos e de outras experiências pedagógicas, subvertendo, desorganizando aquela ordem estática imposta e exigindo uma outra reorganização dos currículos e conteúdos. E, em consequência, das práticas pedagógicas solidificadas (o que deu certo ontem não necessariamente dará certo hoje).

Portanto, querendo ou não, propositalmente ou sem objetivo explícito, as escolas vão se tornando menos estratificadas e mais diversificadas quanto à cultura e às práticas sociais de seus alunos.

E que práticas seriam essas que poderiam concorrer para o desenvolvimento do pensamento complexo, coerente com os modos de pensar, sentir e agir dos alunos? São aquelas que, infelizmente, rareiam na escola, cada vez mais preocupadas em formar para, e não formar o, aquelas que, por exemplo, possam recuperar a imaginação, a criatividade, a curiosidade, a inventividade dos alunos, conforme Duborgel (1980, p. 2), deixando de ter caráter meramente reprodutório. Mais ainda, que possam aceitar, no processo educativo-escolar, que os alunos são pessoas permanentemente abertas para o mundo, incompletas e inacabadas, necessitadas de um currículo que se abra (e o abra) para o mundo, não mais fechado em conhecimentos e teorias fechadas e isoladas entre si nas chamadas disciplinas. Um currículo interdisciplinar, em que caibam em igualdade de importância os conhecimentos relativos às artes em geral – música, artes cênicas, artes plásticas, literatura etc. –, às atividades físicas e desportivas, enfim tudo que com o aprender se acrescente o fruir.

Cada um de nós conhece experiências individuais e coletivas bem sucedidas de desbravamento dessas trilhas. Resta-nos a esperança de que esses movimentos singulares possam se constituir em brechas profundas que, à semelhança da queda do muro de Berlim, consigam fazer ruir a aparente fortaleza das paredes da burocracia, deixando reconhecer a escola como uma organização complexa, onde cada aluno possa, enfim, se manifestar, segundo seus desejos, interesses, dons e aptidões.

Isto quer dizer que, a partir da noção de complexidade, passa-se a considerar a organização escolar não mais composta por níveis superpostos, segundo uma lógica simplificadora e redutivista, mas sim por vários níveis de realidade, que dialogam e se interpenetram, provocando a necessidade de convivência, de interação e trabalho mútuo entre os conteúdos e as práticas pedagógicas: uma interdisciplinaridade, talvez uma transdisciplinaridade. Além disso, não se preocupa apenas com o desenvolvimento cognitivo, racional, mas também considera as sensibilidades, que são da ordem da criação, da emoção estética, do deslumbramento, dos desejos e paixões. Porque, de acordo com Edgar Morin, todo processo de conhecimento é autoconhecimento. Ou seja, tudo transversa o ser humano e nele se reflete. E voltamos novamente à discussão inicial sobre valores e fins.

Daí a necessidade de se rediscutir o quê, o por quê e o como agir diante dessas novas necessidades, sob pena de continuarmos a sofrer as consequências de deixar o bonde da história

passar. O o quê referindo-se à escolha da escola e do ensino que queremos, ou pelo menos que é possível: dito em outras palavras, o que valorizamos para o processo educativo. O por quê, como já mencionado, nos conduzindo à reflexão de fins: que ser humano desejamos formar, tendo em vista não só as demandas atuais como as universais do comportamento humano. E o como, justamente que práticas pedagógicas vamos recuperar ou desenvolver, para atingir esses fins.

Enfim, se pretendemos um aluno apto a atuar numa sociedade complexa, cada vez mais variada e plural, ele também complexo e plural enquanto indivíduo humano, as estratégias que usaremos devem qualificá-lo para isso. Caso contrário, com as mesmas práticas tradicionais, a escola continuará a se afastar cada vez mais de nossos alunos e das necessidades da sociedade.

E isso, definitivamente, é o que não queremos.

## Referências

Barros, R. S. M.. Fundamentos da Educação. In: Menezes, João Gualberto de Carvalho et alii. **Estrutura e Funcionamento da Educação Básica – Leituras**. São Paulo: Pioneira, 1988. p. 21-34.

Duborgel, B. Imaginaire e pedagogie. **De l'iconoclasme scolaire a la culture des songes**. Paris: Le Sourire qui Mord, 1986.

Gusdorf, Georges. Professores Para Quê? **Para uma pedagogia da pedagogia**. Lisboa: Moraes, 1978.

Morin, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

Morin, E. **O Método 4: as Ideias – habitat, vida, costumes, organização**. Porto Alegre: Sulina, 2002..